

A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR E SOCIAL

Carlos Adriano Andrade Pacheco

Faculdade Patos de Minas, andradebio@hotmail.com

Saulo Gonçalves Pereira

Universidade Federal de Uberlândia, saulobiologo@yahoo.com.br

RESUMO. A sexualidade humana é a relação que cada indivíduo apresenta diante da sociedade, sendo esta, manifestada pelas suas ações, desejos sexuais, afeto, carinho, respeito, ousadia, prazer, o que está ligado ao erótico. O presente artigo tem como objetivo abordar metodologias para se trabalhar sexualidade humana dentro de salas de aula. Sendo este realizado através da revisão literária de livros e sites da internet. O estudo apontou que a sexualidade humana compreende parte da história do país, sendo muito crítico sua aceitação dentro do ambiente escolar encontrando muitos preconceitos e tabus vindouros de uma cultura desconhecadora da importância da educação sexual. Ainda, grandes dificuldades por parte dos professores em ensinar sexualidade é apresentar maneiras de e se trabalha-la nesse contexto, e a relação que, pais, educadores e escola têm no auxílio da preparação dos jovens para uma sexualidade sadia. Ficou evidente ainda que diante de uma sociedade jovem onde os desejos e a vontade de conhecer, investigar sua sexualidade afloram intensamente precisa-se de um auxílio de pessoas bem informadas, críticas e preparadas para que essa fase da vida seja construtiva.

Palavras-chave: Sexualidade Humana; Escola; Adolescente; Preconceito.

SEX EDUCATION OF YOUTH IN SCHOOL AND SOCIAL CONTEXT

ABSTRACT. Sexuality is an overarching theme throughout society because it is a set of rules, customs, values and culture itself that an individual manifests in his actions, sexual desires, affection, respect, courage, pleasure, which sometimes is linked to erotic. The aim of this study was to discuss the methodology of how to work with human sexuality with young people within the school environment and the role of the teacher in front of that context. This study is the literature review on the topic sexuality, in the form of descriptions, summaries and readings. Showed that for that human sexuality can be assunto integrated within schools is important interaction between teacher, student and parents. Therefore it is necessary that the teacher promotes creative classes, and that the same dynamics are trained on the subject. It was evident that the whole society has a great contribution in preparing young people, particularly at the stage where sexuality emerges with more intensity and being in school where more manifest. The teacher finds himself in charge of a power of awareness and it's up to him in the form of aid and critical citizen understood the importance of sexuality in the lives of young people.

Keywords: Human Sexuality, Education, Prejudice, Teen.

INTRODUÇÃO

O comportamento sexual diversifica-se por uma interação complexa de fatores. A sexualidade é afetada pelo comum entre os indivíduos relacionando uns com os outros, além das competentes circunstâncias de vida e pelos costumes em que vive. A sexualidade de um indivíduo está intimamente atrelada a distintos fatores da individualidade, a conformação biológica (KAPLAN, 1995). Para Duarte (1995) e Azevedo (2001), a sexualidade humana é indispensável na formação do indivíduo, e se desenvolve desde o nascimento até a morte, devendo ser moldada com critérios formativos. Sendo assim, percebe-se que no ambiente escolar ela deve ser discutida, e as pessoas devem ser informadas.

Garcia (1998), Azevedo (2001), Saito (2001), entre outros autores, já dissertaram sobre a sexualidade humana apontando a necessidade de uma sociedade informada sobre os conceitos para preparação dos jovens e na erradicação dos mitos e tabus existentes desde as gerações anteriores. O tema sexualidade é discutido há décadas, no entanto, é um assunto que ainda deve ser tratado com maior ênfase.

O professor é instrumento relevante na construção do conhecimento dos alunos e é cobrado pela sociedade como um dos principais responsáveis pela transmissão deste, devendo dessa maneira, estar preparado para fornecer informações e orientações pertinentes sobre sexualidade humana. Acredita-se, também, que a sexualidade é um tema de grande importância, no entanto, tem pouca evidência dentro da escola. A discussão sobre o tema a sexualidade humana não é uma tarefa fácil, pois existem muitos problemas como o preconceito, falta de

interesse por parte da escola e alunos, vergonha, o que impede que as informações sejam difundidas e fixadas na sociedade, sobretudo na escola.

Objetivou-se abordar as metodologias de como se trabalhar sexualidade humana com jovens dentro do ambiente escolar e o papel do professor diante deste assunto, além de apresentar a história e evolução da sexualidade humana no ambiente escolar e, por fim apontar a importância dos pais, educadores e escola na formação da sexualidade.

A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa, descritiva, que consistiu em uma revisão da literatura sobre a temática sexualidade humana, na forma descritiva. O período da pesquisa foi de fevereiro a outubro de 2012.

A EVOLUÇÃO DA SEXUALIDADE

A sexualidade humana é definida como um conjunto de representações, vivência, valores, regras, determinações, simbologias existenciais pessoais e coletivas que envolvem a questão da identidade sexual do homem e da mulher (GUIMARÃES, 1995).

O comportamento sexual diversifica-se por uma interação complexa de fatores. A sexualidade é afetada pelo comum entre os indivíduos relacionando uns com os outros além das competentes circunstâncias de vida e pelos costumes em que vive. A sexualidade de um indivíduo está intimamente atrelada a distintos fatores da individualidade, a conformação biológica (KAPLAN, 1995).

A sexualidade humana é indispensável à formação do indivíduo, definindo seu caráter e sua personalidade, uma vez que são valores adquiridos desde o nascimento e vão se prolongando até a

juventude, fase em que o indivíduo adquire formação de conceitos e independência. A cultura em que cada povo está inserido retrata a sua própria sexualidade, seja pela religião seguida, seja pela família patriarcal, dentre outros fatores (DUARTE, 1995). A sexualidade humana, porém, se destaca na adolescência, onde as funções sexuais são definidas se abrindo para a dimensão do sexo propriamente dito (AZEVEDO, 2001).

Segundo Nunes (1976), o homem se diferencia dos animais em relação ao sexo por ser portador de personalidade, pelo relacionamento entre as pessoas, ligadas entre si pelo respeito e pela ética. O mesmo autor aponta, também, a sexualidade como um atributo da sua natureza integral, e como um conjunto de reações físicas, psicológicas e sentimentais de conduta humana frente ao sexo.

Nunes (1976) ressalta:

A finalidade do sexo, ainda que biologicamente se assemelhe à do animal pela sua destinação de procriar, dele se distingue pelos atributos humanos, pelo relacionamento das pessoas, ligadas entre si pela sensibilidade, pelo respeito, pela ética. (p.36).

De acordo com Figueiró (2001), a sexualidade é um exemplo de vida que o cidadão deve levar com liberdade, responsabilidade e consciência, valorizando o corpo e sabendo respeitar o parceiro ou a si mesmo das explorações da mente, controlando-se, para uma vida sexual transformadora.

Segundo Foucaut (1997), a história da sexualidade humana não pode ser tomada como recente, embora seja um tema que teve maior repercussão a partir do capitalismo. As vivências sexuais, as doenças relacionadas ao sexo, os prazeres

eróticos proibidos, a grande repressão ao sexo é vista desde a burguesia, onde o sexo era tema restrito.

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostra-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. (FOUCAUT, 1997. p. 60).

Meira (2012) complementa que o termo Sexualidade está além dos cromossomos (XY) do homem e (XX) da mulher. Os valores sociais, afeto, carinho, impulsos sexuais, beleza, fantasias, contato físico estão inerentes à pessoa física e psicológica caracterizando sua sexualidade.

A Educação Sexual esteve restrita tanto às escolas particulares quanto públicas desde a década de 60, ignorando a discussão sobre sexo e aumentando ainda mais a necessidade dos alunos expressar sua sexualidade nos banheiros, entre grupos de colegas de forma pejorativos (GOLDBERG, 1988).

Segundo Foucaut (1997), a sexualidade humana desde o século XIX tem sofrido alterações positivas levando a temática a ser alvo de interesse de toda a sociedade. O interesse de médicos em adotar a temática nos ambientes escolares, nos programas sociais e principalmente na saúde minimizava os casos de doenças e conscientizava a população da maneira correta de viver sexualmente.

Segundo Ribeiro (1999), a história da sexualidade, o sexo propriamente dito, está muito além dos fatores biológicos. A

cultura, as normas e os valores próprios constituem a vida sexual de um indivíduo. Braga (2009) ressalta que pode contribuir para sua formação, afinal, o indivíduo trás influências oriundas de sua família sendo frutíferas na construção da vida sexual do mesmo.

Figueiró (2001) faz menção à posição que a religião exerceu sobre a vida das pessoas desde a idade média, ditando normas e impondo a maneira como a sociedade deveria viver sua sexualidade. A religião, como sendo ditadora da verdade, regulava e manipulava seus fiéis a uma vida sexual restrita e sem oportunidades de escolha.

Ainda, segundo o autor supracitado, diretrizes oficiais católicas defendem a importância da família com relação à sexualidade dos filhos, sendo fundamental no equilíbrio da pessoa. Aponta também que informações científicas não são consideradas completas, e sim os valores morais, sendo importante para a formação dos cristãos. Ribeiro (1999) ressalta que os hebreus, como crença, acreditavam que relações sexuais entre um homem e uma mulher só deveriam ocorrer para a procriação. A prostituição e a infidelidade não eram aceitas e quem as cometesse eram punidos com apedrejamento.

A influência da religião na história da sexualidade humana foi definitiva e marcada por pontos positivos e negativos. Com a repressão da Igreja sobre a sexualidade dos fiéis, muito tem contribuído para que tardasse o conhecimento verdadeiro sobre a sexualidade e contribuindo para que os preconceitos e tabus fossem muito presentes na vida das pessoas, formando uma sociedade reprimida e submissa às vontades religiosas. Zilles (2009) critica

que Igreja pouco colabora para o conhecimento sobre a sexualidade.

A partir do século XX, com influência de ideias liberais da Europa e dos Estados Unidos, houve o marco da liberdade do sexo, onde a temática sexualidade passou a ser debatida publicamente e os estudos científicos passaram a tomar expansão e valor. Assim, alguns conceitos foram revistos e tomados como errôneos, em que as pessoas eram levadas à crença que a masturbação transmitia doenças ao indivíduo (FIGUEIRÓ, 2001).

Louro (2009) menciona que a partir da década de 60 as definições centralizadas de poder na sociedade, onde médicos e especialistas resolviam as questões de sexualidade e restringiam o direito de expressão teriam fim, marcadas por manifestações de mulheres, lésbicas e gays lutando pelo direito de igualdade em uma sociedade livre de preconceito e tabus com relação à opção sexual, mudando a história da Sexualidade no Brasil.

Desde 1960, o tema Sexualidade passou por vários problemas no ambiente escolar, a busca para implantar este tema nas salas de aulas não foi tarefa fácil. Ainda se via uma população patriarcal e reservada aos conceitos religiosos, onde pais e autoridades eram contra a exposição do tema. Projetos sobre saúde, educação sexual, foram implantados nas escolas a partir desta data.

Percebe-se que de acordo, com o histórico da sexualidade humana, que pouco se tem construído para o tema sexualidade humana ao longo do tempo, e que esta passa por uma grande revolução. A sexualidade é parte integrante de cada indivíduo, e o ambiente escolar é um local de grande valor para se construir os

conceitos, sobretudo na fase adolescente (ROSSLER, 2000).

É de importância fundamental a interação do ambiente escolar e familiar em prol do processo construtivo dos alunos em relação à Educação Sexual e na preparação dos mesmos como futuros cidadãos formadores de opiniões próprias diante da sociedade erradicando os estereótipos e mitos existentes (FIGUEIRÓ, 2001).

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR

O termo Sexualidade é bastante amplo, dinâmico e mutável, podendo ser empregado de diversas formas desde o educativo ao pornográfico, do terapêutico ao erótico presenciado em todas as fases da vida de um indivíduo (MEIRA, 2012).

Percebe-se que a escola é o ambiente onde os adolescentes e crianças podem ter os primeiros contatos com a sexualidade, aprendendo conceitos de cidadania, aprendendo a conviver com as distintas culturas, além do respeito com as mesmas (RICARDO; JUNIOR, 2009).

Segundo Furlan (2009) a sexualidade é parte integrada da infância, juventude e velhice. Por isso, o ensino de Educação Sexual no ambiente escolar precisa ser adotado nos anos iniciais, onde a criança começa a manifestar sua vida sexual. O processo educacional sobre a Sexualidade no início somente com jovens na adolescência pode limitar a aprendizagem e contribuir para muitas ideias distorcidas da fase infantil até a fase adolescente. Ribeiro (2003) defende que crianças se interessam por questões sexuais. E estão ligadas a jogos sexuais entendidos por elas como ousadas o que conota atrevimento, brincadeiras eróticas, que são consideradas normais, estão diretamente relacionados com a sexualidade entre as crianças no

ambiente em que elas estão inseridas, seja na escola, em casa ou na sociedade.

A sexualidade humana é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores no seu trabalho cotidiano de ensinar (RIBEIRO, 2004). Tratar da sexualidade na escola exige um alicerce científico e humanista que supere o senso comum (NUNES; SILVA, 2000). “Drogas, violência, sexualidade são assuntos polêmicos nas escolas de hoje. Apesar da sua importância, muitos/as professores/as não os consideram sua responsabilidade. Mas como educar jovens, sem compreendê-los ou levar em conta tais aspectos?” (MEYER, 2009, p. 81).

De acordo com os autores mencionados anteriormente, existe uma grande preocupação em contribuir para que os jovens tenham sua sexualidade construída da maneira mais favorável que possa refletir tanto na sociedade quanto em sua própria vida íntima, onde a interação entre professor e aluno é importante no processo de formação dos jovens quanto à sua Sexualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) pretendem ser um referencial fomentador de reflexão sobre os currículos escolares, como uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares. O tema transversal deve abranger toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. Os conteúdos tratados na escola devem destacar a importância da saúde sexual, reprodutiva e cuidados necessários para promovê-la. A escola também deve integrar serviços públicos de saúde, conscientizar para a importância de ações prioritariamente preventivas e remediárias se for o caso. De fato, os

professores não recebem orientações suficientes em sua formação sobre educação sexual. Por isso, conversar sobre sexo na escola é tarefa difícil. (BRASIL, 1997).

A sexualidade humana deve ser tratada como tema de destaque nos ambientes escolares, uma vez que é de interesse global. Pois, diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências (COSTA, 2011).

Os jovens estão iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo, o que implica uma contribuição de mitos e preconceitos inerentes a sexualidade (FONSECA, 2009). O reflexo desse aumento apresenta na falta de estudos e implantação da temática no ambiente escolar, onde o preparo dos profissionais deixa muito a desejar (AZEVEDO, 2001). Santos (2009) complementa que, as aulas tradicionalmente expositivas devem ser revistas pelos educadores, uma vez que precisa haver mudanças, um diferencial, onde o professor procure atrair a atenção dos alunos e tornar o ensino aprendizagem mais interessante, principalmente com os temas transversais.

A implantação da temática nas escolas ainda é crítica e verifica-se que educadores não apresentam um preparo adequado para tratar do assunto com cautela, deixando muito a desejar na resolução dos problemas que surgem nas escolas relacionadas à sexualidade dos jovens. E quando resolvidos são tratados muito superficiais para não abranger um contexto maior e real da situação.

Para Peters (1985) jovens entre 10 a 15 anos de idade as mudanças psíquicas e sócias são mais acentuadas, período em que transformações psicosssexuais ocorrem com maior frequência. Devido a esse fato, o interesse em conhecer as mudanças ocorridas no corpo, o desejo sexual pelo

próximo levam os jovens a criar uma série de perguntas que podem ser construtivas para sua formação em sociedade ou destrutiva dependendo da fonte onde as respostas para as diversas perguntas serão tiradas.

Bruns (2009) menciona que o acesso às redes sociais, a erotização, existentes nas novelas e filmes contribui para despertar curiosidade e fascínio pelo sexo entre os jovens e que podem ser vindouros de um conhecimento adquirido por parte dos mesmos de maneira errada.

Segundo Sayão (1997), a escola é a lida diária com o conhecimento construído e aquele a construir, fomentando o desejo que o aluno tem sobre o tema sexualidade humana e a preparação que o professor demonstra em transmitir esse conhecimento, formando, assim, um conceito verdadeiro sobre o tema e frisando uma necessidade de contextualizar a sexualidade humana em todos os conteúdos curriculares.

A ausência do tema sexualidade no ambiente escolar juntamente com o despreparo do profissional contribui para a formação de um jovem com ideias distorcidas sobre sua sexualidade. (MEIRA, 2012).

Itoz (2003, p. 41) refere que:

O adolescente deve conhecer as diversidades em relação às questões de saúde, beleza e estética para compreender que estão sempre inseridos em uma cultura, evitando assim o consumismo e o preconceito.

Segundo Chagas (2010), se a escola e os pais não se abrirem para um diálogo produtivo, isso pode levar o jovem a obter ideias incorretas sobre sexualidade, absorvendo pré-conceitos, mitos e tabus

que podem tornar, ainda mais, difícil um período que já é complicado.

A perspectiva que se deve ter do professor em ensinar Sexualidade no ambiente escolar é tentar mudar a maneira de apenas os fatores biológicos e das características higienistas do século passado, criando uma proposta pedagógica das relações de poder, ética, religião, políticos, econômicos, culturais envolvidos na Sexualidade (SANTOS, 2009).

Os PCN's (BRASIL, 1987), veem a sexualidade humana tratada como: o corpo, matriz da sexualidade, as relações de gênero, e a prevenção de DST/AIDS. Apontando que é no ambiente escolar tendo estreita ligação com aspectos biológicos, assim, contribuir para a prevenção de gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e erradicando dúvidas, mitos e tabus. Foucault (1988) menciona que os governos perceberam que não tem que lidar com uma população ou mesmo com um povo, porém, com seus fenômenos específicos e suas variações próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, forma de alimentação.

Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) são consequências de uma má formação de conhecimento. O jovem bem informado é um jovem sadio. Cabe, porém, ao professor, mostrar para o aluno a necessidade do conhecimento e o despertar do interesse pela temática sexualidade humana. Refletir e mencionar o quanto a sexualidade é parte da vida de cada pessoa, independentemente da vontade de cada ser (CHAGAS, 2010). Itoz (2003) aponta reflexões e críticas pessoais sobre os valores sociais quanto à sexualidade, despertar a cidadania entre as pessoas, formar e informar, criar um clima favorável de respeito e confiança auxilia no trabalho

formativo entre os alunos e professor dentro do ambiente escolar.

A implantação do tema nas escolas contribui para que os jovens tenham uma visão mais ampla da necessidade em conhecer as formas de manifestar a sexualidade e vive-la corretamente, evitando doenças.

Chagas (2010) menciona que o papel da escola é orientar os alunos e criar situações para que os mesmos possam expressar o máximo possível sua sexualidade, servindo como complementação a educação dada pela família.

Segundo Meira (2012) a revolução dos meios de comunicação é um fator contribuinte para a propagação de ideias erradas com relação ao sexo e que de certa forma revelam o desejo sexual dos jovens levando os mesmos a criar ideias distorcidas. Afinal, por vezes, os meios de comunicação transmitem o erótico e o belo ao invés de prevenção e conhecimento biológico.

Considerando que a mudança de comportamento é fruto de um processo complexo, ideológico, psíquico e afetivo que se realiza a médio e em longo prazo, é importante o investimento dos projetos contínuos, articulados entre família, escola, serviços de saúde e sociedade em geral (SOARES et al., 2008). Com isso, Peters (1985) ressalta que o indivíduo é educado pelo seu ambiente por toda vida mesmo que os pais ou outros elementos da sociedade não tenham influenciado em sua sexualidade, formando assim, ideias e atitudes cotidianas.

A sociedade em conjunto, como o supracitado pelos autores, precisa apontar o tema sexualidade humana em todos os parâmetros e meios de comunicação e

forma de se progredir para o futuro de uma população sadia.

A capacidade que o professor precisa ter em expor o tema sexualidade humana em sala de aula exige disposição em participações de palestras, eventos, breves cursos e a própria intenção do professor em transmitir o tema de maneira clara e criativa, sem restrição de classe, cultura ou discriminação (SAYAO, 1997). Para Santos (2009), temas relacionados a gênero, raça, classe, etnia e diversidade sexual são de importante contribuição para que os alunos tomem consciência da igualdade social que fazem parte da sexualidade e que devem ser vistos com normalidade entre as pessoas.

Assim, a incorporação pela escola de uma discussão sobre questões relacionadas ao sexo e à sexualidade precisa ser acompanhada por um processo contínuo de formação e debate com todos os educadores que já atuam ou ainda estão se preparando para atuarem no contexto escolar, visto que, por mais que exista espaço nas escolas para atuações em Educação Sexual, pouco se tem realizado.

O tema da sexualidade na escola deve ser tratado com naturalidade, utilizando estratégias, como, palestras, eventos, gincanas para envolver os alunos e também dar-lhes oportunidade para que manifestem suas ideias, opiniões ou dúvidas, dando respostas que possam esclarecer e orientar todos eles, de acordo com suas idades.

A IMPORTÂNCIA DA SOCIEDADE NA FORMAÇÃO DA SEXUALIDADE DOS JOVENS

A preocupação dos pais em relação à sexualidade dos filhos e do professor em abordar o tema sexualidade em sala de aula é muito frequente nos dias atuais, uma vez que o erro entre os jovens é constante, embora, seja preciso para sua própria

identidade e amadurecimento (DUARTE, 1995). Para Foucaut (1997) compreender a sexualidade, em sua complexidade, é de suma importância, pois, ela é um produto das relações de poder entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos.

Para Itoz (2003) defende que a adolescência é o momento de preparação do jovem, de descobertas e escolhas para a vida futura. É nesta etapa que os jovens são tentados a vivenciar sua sexualidade sendo de livre escolha a maneira como expressá-la. E neste momento é de suma importância à presença da família e da escola no auxílio do jovem para tomadas de decisões fundamentais no futuro do mesmo.

Segundo Ribeiro (2004) afirma que os pais e educadores devem dar muita importância à sexualidade dos filhos, posto que as esquisitices, o mau humor, a irritabilidade, o fracasso dos filhos, tem geralmente, como causa razões do sexo. Sugere, portanto, que a sexualidade seja abordada em tríplice: biológica, moral e social.

Como visto, em consonância com os autores supracitados, falar de sexualidade no ambiente familiar não é fácil, pois não é prioridade dos pais. Embora, o assunto seja de responsabilidade familiar observa-se que os pais têm medo de dialogar com os filhos, ou mesmo quando isso ocorre muita das vezes, ensinam aos filhos pouco condizentes, ou que podem confundir-los, aumentando as dúvidas e perguntas sobre sexualidade.

De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 1997), a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade humana no currículo das escolas tem intensificado, a partir de 70, por ser considerada importante na formação global do indivíduo.

Se, por um lado, os pais exercem legitimamente seu papel ao transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro lado, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à diversidade de valores existentes na sociedade, para que o aluno possa, ao discuti-los, opinar sobre o que lhe foi ou é apresentado. Por meio da reflexão poderão, então, encontrar um ponto de auto referência, o que possibilitará o desenvolvimento de atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus (BEIRAS, 2005).

Trabalhar educação sexual com crianças e jovens é prezar o valor pelo próximo, o respeito e a ética. Muitas vezes, os pais não sabem como agir diante das demonstrações de sexualidade de seus filhos. Ainda não é tarefa fácil aceitar e entender a maneira de pensar dos jovens, valorizando seus conhecimentos, sua história e suas crenças para que tomem consciência de que a família é um espaço essencial na formação dos indivíduos (ALMEIDA; CENTA, 2009).

Brand (1992) afirma que trabalhar a Educação Sexual com os jovens é fazer menção da importância da sexualidade na vida de cada aluno, ao passo que o professor precisa se integrar intimamente nesta tarefa de maneira informativa e formativa. Portanto, a sexualidade de qualquer indivíduo existe atrelada a fatores biológicos e comportamentais adquiridos pela cultura que o mesmo está presente, uma vez que essa sexualidade aflora com mais intensidade na adolescência, fase em que os jovens vivem sua maior parte do tempo na escola, local onde se percebe vários comportamentos e atitudes relacionadas ao sexo. Assim, o papel do professor, pais e corpo escolar é

fundamental para a formação da sexualidade dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O histórico da Educação Sexual no ambiente escolar não é assunto recente e que tem passado por uma grande revolução. A repressão da sociedade, nas últimas décadas, tem contribuído para que o tema Sexualidade fosse visto como um assunto impróprio para os jovens. Com os problemas inerentes a sexualidade humana ficou evidente que era necessário que o tema fosse integrado nos ambientes escolares. As possíveis maneiras de se trabalhar Educação Sexual nos ambientes escolares é fazer uma abordagem ampla com os professores, de acordo com o tema e mostrando aos mesmos a importância que este tem para os alunos. A capacitação dos professores auxilia na forma de como eles devem transmitir o conhecimento sem restrição e de maneira clara.

Por fim, percebe-se que a importância da Educação Sexual ser tema abordado no currículo escolar contribui significativamente para que os jovens tenham uma vida sexual mais sadia e possam vive-la de forma saudável, evitando problemas sociais como doenças relacionadas ao sexo e os devidos problemas que surgem nas escolas inerentes dos mitos e tabus.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA. A,C,C,H;CENTA.M,L.
Família e a educação sexual dos filhos:implicação para a enfermagem.Até Paul infere.V 22,N1 p 1-144 Jan/fev 2009.
- AZEVEDO, M. A. **Educação sexual, uma proposta, um desafio.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- BEIRAS, A.; TAGLIAMENTO, G.; TONELI, M. J. F. **Crenças, valores e**

visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar. *Aletheia*, Canoas, n.21, jun. 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci-arttext&pid=s1413-394200500020007&ing-pt&nrm-isso>>. Acesso em: 10 maio. 2012.

BRAGA, V. M **Sexualidade na Educação Escolar**. 2009. 42f. Monografia (Graduação em Biologia). Faculdade Patos de Minas, Patos de Minas.

BRAND, J. L. **Formação da personalidade e sexualidade**. 4 ed. Vida Nova, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: UF, 1997

BRUNS, M. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. São Paulo: Átomo, 2009.

CHAGAS, R. C. B. **Sexualidade na escola: Preconceitos e dificuldades no ambiente escolar diante da sexualidade**. 2010.42 f. Monografia (Graduação em Biologia). Faculdade Patos de Minas, Patos de Minas.

COSTA, E. S. **Educação sexual para adolescentes no ambiente escolar**. 2011. 42 f. Monografia (Graduação em Biologia). Faculdade Patos de Minas, Patos de Minas.

DUARTE, R. G. **Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis**. São Paulo: Moderna, 1995.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. 2 ed. Londrina: UEL, 2001.

FONSECA, J. S. A. **A educação sexual para adolescentes dentro do Ambiente Escolar**. 2009. 42 f. Monografia (Graduação em Biologia). Faculdade Patos de Minas, Patos de Minas.

FOUCAULT, M. A **história da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. 12ª ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FURLANI, J. Encarar o desafio da Educação Sexual na Escola. In: Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba, 2009. p. 37-49.

GARCIA, H. V., Educação da Sexualidade, Lisboa, DIEL, 1998

GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ITOZ, S. **Adolescência e Sexualidade: para eles e para nós**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

KAPLAN, A. **A mulher e o cinema- os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LOURO, G. P. Encarar o desafio da Educação Sexual na Escola. In: Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba, 2009. p. 29-37.

MEIRA, L. B. **Sexo: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. 70 ed. João Pessoa: Autor Associado, 2012.

MEYER, D. E. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: questões para a educação escolar. In: Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba, 2009. p. 81-91.

NUNES, C; SILVA, E. A. **Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da Transversalidade**. São Paulo: Campinas, 2000.

PETER, I. S. **Sexologia educacional**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1985.

Recebido em dezembro, 2012.

RIBEIRO, Marcos. **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Gente, 1999.

Aceito em julho, 2013.

RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

RIBEIRO, J. S. B. **Brincar de ousadia: sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19(Sup. 2), p.345-353, set./ out. 2003.

RICARDO, M. L. JUNIOR, A. L. **Escola: espaço de construção da sexualidade e aperfeiçoamento da cidadania**. Programa de desenvolvimento educacional – PDE Governo do Estado do Paraná. UEL/PR. Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1876-8.pdf>> Acesso em 15 abr. 2012.

ROSSLER, J. H. Construtivismo e alienação: as origens do poder de atração do ideário construtivista. In: DUARTE, N. (Org.). **Sobre o construtivismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SANTOS, D. B. C. **Educação Sexual na escola: algumas possibilidades didáticas metodológicas**. p. 59-73.

SAYÃO, R. **Saber o sexo: os problemas da informação sexual e o papel da escola**. In: AQUINO, Júlio G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p.97-105.

SOARES, M. M. et al. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Revista Brasileira de enfermagem**. Brasília, DF, v. 12. n.3. p.455-491. set. 2008.

ZILLES, Urbano. **Visão Cristã da Sexualidade Humana**. Teocomunicações, Porto Alegre. v. 39, n. 3. set. 2009.